

Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP

Considerações sobre o conceito de transferência na
contemporaneidade: do Sujeito Suposto Saber ao
Inconsciente Real.

Mayra Kruse de Moraes

São Paulo

2014

Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP

Considerações sobre o conceito de transferência na
contemporaneidade: do Sujeito Suposto Saber ao Inconsciente
Real.

Nome: Mayra Kruse de Moraes

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Psicanálise, sob a
orientação de Niraldo de Oliveira Santos.

São Paulo

2014

Resumo

Morais, M.K. Considerações sobre o conceito de transferência na contemporaneidade: do Sujeito Suposto Saber ao inconsciente real. Monografia de conclusão do curso de Psicanálise da Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP. São Paulo, 2014.

Este trabalho teve por objetivo retomar o conceito de transferência para a psicanálise, a partir de Freud e Lacan até a contemporaneidade, e discutir como os novos meios de comunicação influenciam a atuação do psicanalista contemporâneo e o estabelecimento da transferência. Para tal, foram retomadas as referências bibliográficas de Freud, Lacan e outros autores a respeito do conceito, e em seguida proposta uma discussão sobre o lugar da transferência na contemporaneidade, e se ela é influenciada pelos novos meios de comunicação presentes na sociedade atual. Consideramos finalmente que houve uma evolução no conceito de transferência que acompanhou a evolução da Psicanálise, e que esta deve ser pensada de acordo com o contexto atual do Psicanalista, que apesar de não precisar se excluir das novas formas de linguagem que se estabelecem, deve trazer sempre o paciente para o contexto clínico, convocando-o a falar, para que algo do inconsciente possa aparecer e a análise se efetivar.

Índice

1. Introdução	p. 05
2. A transferência – Evolução do conceito de Freud a Lacan	p. 08
2.1 A transferência em Freud	p. 08
2.2 Lacan e a transferência	p. 13
3. O conceito de transferência na segunda clínica de Lacan	p. 21
4. Considerações Finais	p. 28
5. Referências Bibliográficas	p. 30

1. Introdução

O que se espera quando se escolhe fazer um curso de psicanálise? Num primeiro momento, a oportunidade de discutir, ler, aprender mais sobre o assunto. Expandir os conhecimentos sobre o assunto, melhorar a prática, fazer novos contatos. Mas no fundo, o que eu esperava mesmo era aprender a ser psicanalista. Aulas práticas, mesmo! O que fazer, o que não fazer, como fazer. É claro que não era uma expectativa consciente, concreta, explícita. E eu sabia que não era disso que se tratava o curso. Mas bem lá no fundo, ainda esperava por isso.

Os três anos serviram então, principalmente, para que eu desaprendesse a ser aluna. Para que criasse “des-expectativas”, para que assim, pudesse me posicionar na minha clínica, e enfrentar a Psicanálise “de frente”. Ou quase. Não há modo de fazer, não há receitas, não há be-a-bá. E não há, principalmente quando se fala em transferência. É bem mais tangível a definição de neurose, de psicose ou de fobia. Outra coisa é descrever a transferência, manejá-la. Sim, ela está presente, sempre, em todos os casos, de uma forma ou de outra. A partir disso, o que fazer com ela? Essa era a questão que mais me intrigava. É simples (ou mais simples) formular uma hipótese diagnóstica, dizer se parece neurose, ou psicose. A pergunta que sempre me gerou dúvidas em supervisões e discussões de caso, era: “mas qual o lugar que o paciente te coloca na transferência?”.

O próprio Lacan aponta, no seminário 8, dedicado à transferência, a dificuldade em relação a este fenômeno, pela falta de uma abordagem deste que seja suficientemente metódica, demarcada e esclarecida (Sem. 8, cap. XII, pág. 218). Existem inúmeras referências e textos sobre o assunto, e a existência da transferência é um dos poucos consensos entre os psicanalistas das diversas escolas. Mas ainda assim parecia me faltar algo, um esclarecimento, um “o que fazer com ela”, e disso surge a motivação deste trabalho.

Assim, partindo da minha dificuldade em me posicionar como analista, em ocupar esse lugar, e da vontade de entender melhor o par analista-analisando, principalmente na cena contemporânea, pretendo discorrer sobre o assunto, realizando um levantamento bibliográfico a partir de Freud, passando a Lacan e alguns autores contemporâneos, bem como fazendo uma tentativa de explorar, ou ao menos questionar, como o momento histórico em que vivemos, e as novas formas de comunicação atuais influenciam a transferência. De que forma o uso de celular, mensagens de texto, aplicativos de

comunicação e redes sociais influenciam a relação analítica, se é que há alguma influência? Como se posicionar, enquanto analista, frente às investidas dos analisandos por esses meios, que já estão inclusos na cena, muitas vezes desde o início?

Ilustro tal questionamento com a seguinte cena: Em uma noite qualquer, meu celular avisa a chegada de uma mensagem em um aplicativo de mensagens instantâneas. Percebo um número desconhecido, e a seguinte mensagem: "Boa noite Mayra, meu nome é X, quem me indicou você foi Y... Queria ver com você se podemos marcar uma hora pra conversar, estava pensando em voltar a fazer terapia"(sic). Esse aplicativo permite ao emissor da mensagem saber se esta foi recebida, e qual foi o último horário em que o receptor acessou o aplicativo. Como responder a essa demanda, que se apresenta de tal maneira? Escrita, sem vacilos, sem hesitação na voz, sem qualquer possibilidade de percepção sobre a pessoa que fazia esse pedido? Pensei por alguns instantes, e respondi, pelo mesmo aplicativo, demonstrando disponibilidade para o agendamento, mas solicitando uma ligação para acertar os detalhes.

Esse tipo de interação, que acontecia ali pela primeira vez, se repetiu ao longo do tratamento, e mesmo com outros pacientes, em outros momentos. É uma nova forma que as pessoas utilizam para se comunicar, utilizam em seu cotidiano com frequência cada vez maior, e a análise faz parte de tal cotidiano. Se o analista se exclui completamente desse tipo de relação, é possível se estabelecer a transferência? O paciente, ao buscar o analista, a indicação, pode esperar por alguém que possa compreender essas relações, um semelhante, e essa já é uma forma de transferência, ainda que imaginária. Frustrar tal expectativa, de início, pode extinguir qualquer possibilidade de se estabelecer o próprio processo de análise?

Freud, na discussão do caso Dora (1905), aponta que a transferência é uma exigência indispensável para a técnica analítica, e que não há meios para evitá-la, mas ainda a coloca como algo que tem de ser combatido, pois ela produz empecilhos que tornam impossível o tratamento. Refere ainda que na psicanálise não aparece somente a transferência amável, mas a hostil também, e que tais sentimentos devem ser aproveitados na análise, para que possa passar de maior obstáculo à mais poderosa aliada do tratamento analítico. Freud reconhece que nesse caso, não conseguiu dominar a tempo a transferência e que isso causou a interrupção da análise.

Lacan, em "A direção do tratamento e os princípios do seu poder" (1958), diz que o analista, e não somente o paciente, também tem de pagar sua parte no tratamento analítico, pagamento feito com palavras e com sua própria pessoa, pois ele a empresta

como suporte para a transferência. Relembra Freud para dizer que o fenômeno da transferência não é de responsabilidade do analista, e sim espontâneo no paciente, e assim, o melhor papel que o analista deve exercer é o papel de morto, pois o que o analista conduz é a análise, mas o inconsciente que trabalha é o do analisando.

Há um grande caminho entre a interpretação da transferência, feita por Freud, e o papel de morto, pregado por Lacan. A intenção deste trabalho é percorrer esse caminho, questionando, ao final, como se dá a transferência nos dias de hoje, e em que lugar as novas formas de comunicação colocam o analista, e como manejá-las para que o processo de análise possa se efetivar.

2. A transferência – Evolução do conceito de Freud a Lacan

O conceito de transferência é amplamente trabalhado no meio psicanalítico, e é imprescindível seu entendimento para avançar no estudo da Psicanálise, bem como para a prática clínica, pois é sob ela que o analista, invariavelmente, trabalha. O seu manejo é essencial para o sucesso do tratamento, e a má interpretação pode causar o fracasso total do mesmo. Por isso, faremos neste momento uma retomada deste conceito, iniciando esse caminho por Freud, passando por Lacan e ainda por autores contemporâneos que trazem contribuições neste sentido.

2.1. A transferência em Freud

Freud apresenta sua teoria sobre a transferência em diversos textos de sua obra. Aborda o assunto pela primeira vez nos comentários sobre o caso Dora, por ser também a primeira vez em que ela se coloca como um obstáculo ao avanço do tratamento, causando o abandono do tratamento pela paciente. Neste texto, a transferência é explicada como formações de pensamentos que são reedições, reproduções de fantasias que se tornam conscientes durante o processo de análise, mas com a característica de substituir a pessoa anterior pela pessoa do médico. Deve ser combatida como qualquer outro aspecto da doença, mas esse seria o mais difícil de alcançar, e quando bem usada, pode ser ainda o maior aliado do processo de análise, pois se bem identificada e traduzida ao paciente, pode trazer a tona importante material mnêmico inconsciente, que auxilia na eliminação da neurose.

No texto "A dinâmica da transferência"(1912), Freud vai abordar mais detalhadamente o conceito e trabalhar suas especificidades. Neste texto, aponta que a transferência é necessariamente ocasionada durante o tratamento psicanalítico. Ela se produz devido ao funcionamento do próprio inconsciente. Cada indivíduo, diz Freud, desenvolve um método de conduzir-se na vida erótica, produz um "clichê estereotípico" que é constantemente repetido no decorrer da vida. Quando a necessidade de ser amado não é satisfeita pela realidade, o sujeito está fadado a se aproximar de cada nova pessoa que encontra com ideias libidinais antecipadas, de acordo com o clichê estereotípico produzido anteriormente. Assim, Freud considera perfeitamente normal que a catexia libidinal de alguém parcialmente insatisfeito se dirija também ao médico, no caso, o psicanalista durante o processo de análise, que é incluído numa das séries psíquicas que

o paciente já formou. As características da transferência são da própria neurose, e não da psicanálise, esclarece Freud.

Freud diz que se as associações de um paciente faltam, a interrupção pode ser removida pela garantia de que ele está sendo dominado por uma associação relacionada ao médico, ou com algo vinculado a ele. A neurose se desencadeia quando a parte consciente e dirigida para a realidade da libido está diminuída e a parte inconsciente que alimenta as fantasias do indivíduo está aumentada. Lembrando, neste momento, que a neurose para Freud era uma condição patológica, uma doença, e que seu objetivo com a psicanálise era curar essa neurose e restabelecer uma situação de normalidade no sujeito. A psicanálise, diz Freud, procura rastrear a libido e torná-la acessível à realidade. Quando isso acontece, há um embate, pois as forças que a fizeram regredir se farão presentes como resistências ao trabalho da análise. "A resistência acompanha o tratamento passo a passo. Cada associação e ato da pessoa em tratamento tem de levar em conta a resistência e representa uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do restabelecimento e as que se lhe expõem." (Freud, 1912, p. 115)

Quando nos aproximamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada em primeiro lugar para a consciência e defendida com obstinação. Freud enfatiza o papel da transferência como resistência ao tratamento analítico, a sua arma mais forte, sendo que a intensidade e a persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência. Diz ainda que para pensar em transferência como resistência, é preciso distinguir entre transferência positiva e negativa e tratá-las separadamente. A transferência positiva pode ser dividida em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, e os últimos remontam sempre a fontes eróticas. Freud diz que todas as relações emocionais positivas são vinculadas à sexualidade, pois em última instância o inconsciente conhece apenas objetos sexuais, e as pessoas que admiramos em nossa vida se mantêm como tal para este inconsciente. Portanto, a transferência para o médico é apropriada para a resistência ao tratamento quando se trata de transferência negativa ou de transferência positiva de impulsos eróticos reprimidos. Ao tornar essa transferência consciente, desligamos apenas a pessoa do médico dos "componentes do ato emocional; o outro componente admissível à consciência e irrepreensível, persiste, constituindo o veículo de sucesso na psicanálise." (Freud, 1912, p. 117)

Em "Recordar, repetir e elaborar" (1914), Freud traz novos apontamentos sobre a questão da transferência no tratamento da neurose, principalmente no que diz respeito

ao manejo das resistências que aparecem invariavelmente no contexto analítico. Neste artigo, refere que o objetivo do analista não deve ser colocar em foco um momento ou problema específico, mas sim estudar tudo o que se apresenta na mente do paciente, e identificar as resistências que lá aparecem para torná-las conscientes ao paciente através da interpretação. Faz uma discussão sobre a técnica psicanalítica e como a análise ajuda a trazer para a consciência do paciente, conteúdos que foram "esquecidos" ou que ainda não poderiam ter sido esquecidos, pois nunca foram conscientes, mas que o sujeito constantemente reproduz em comportamentos e repete seguidamente ao longo da vida. A própria transferência, diz Freud, é ela mesma uma repetição, uma transferência de todo o passado esquecido não somente para a figura do médico, mas para toda a situação de vida atual.

Sobre o papel da resistência, refere que quanto maior ela for, mais a atuação vai substituir a recordação, e tal resistência é influenciada pelo tipo de transferência que se estabelece. Se a transferência é positiva e branda, a recordação é possível, porém, com o progredir da análise, a transferência se torna hostil ou excessivamente intensa, e o recordar abre caminho à atuação, para que o inconsciente se defenda do progresso do tratamento, e o paciente passa, assim, a repetir todos os sintomas. Freud diz que o psicanalista tem de se preparar para "uma luta perpétua com o paciente, para manter na esfera psíquica todos os impulsos que este último gostaria de dirigir para a atmosfera motora; e comemora como um triunfo para o tratamento o fato de poder ocasionar que algo que o paciente deseja descarregar em ação seja utilizado através do trabalho de recordar." (p. 168).

A transferência serviria então para impedir o paciente de executar as repetições e trazer material para o trabalho terapêutico, e o manejo dela seria o principal instrumento para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar. O estabelecimento de uma "neurose de transferência" seria, assim, uma forma de criar uma "doença artificial" que é acessível ao tratamento analítico, pois a partir das reações repetitivas exibidas na transferência, o analista é levado pelos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldades após as resistências terem sido superadas.

Em seu texto "A transferência de Freud a Lacan" (1988), J. A. Miller retoma o conceito desde como foi trabalhado por Freud e como foi sua transformação em Lacan. Refere que a transferência é o *modus operandi* da Psicanálise, e que é um dos poucos conceitos que é consenso entre os psicanalistas. Lacan retoma o texto de Freud, porém

introduz termos inéditos que permitem, segundo o autor, enquadrar melhor os fenômenos que se produzem na experiência analítica. Miller aponta que há uma evolução da técnica analítica na história da Psicanálise. Inicialmente, o que era essencialmente a arte de interpretar passa, num segundo momento, à necessidade de analisar as resistências. Se anteriormente o sintoma se oferecia ao deciframento e se desvanecia milagrosamente, em seguida era como se o inconsciente "a princípio aberto e, de certo modo, dócil à intervenção do analista - tivesse retrocedido progressivamente, houvesse ficado rebelde à intervenção psicanalítica" (Miller, 1988, p. 78). A técnica da psicanálise tem, então, de evoluir, justamente porque o próprio inconsciente evolui. Miller identifica três formas de transferência, apontadas no texto de Freud: a transferência com função de repetição, com função de resistência e a transferência identificada com a sugestão. Lacan demarca o ponto em comum destes distintos aspectos da transferência, que é o Sujeito Suposto Saber.

Miller (1988) identifica que a primeira forma de transferência apresentada por Freud é a transferência de sentido, do deslocamento do desejo inconsciente para outros objetos, despojados de significação, que separadas de sua significação primeira, permitem que o significado permaneça recalcado, ou seja, essa primeira transferência é o funcionamento básico do inconsciente, através dos chistes, lapsos e sonhos. A partir do caso Dora, entretanto, aparece a significação precisa de transferência, no seu sentido psicanalítico, que se produz quando o desejo se aferra a um elemento particular, que é a figura do analista. Essa figura do analista é muito mais imaginária, ilusória, do que a pessoa real do analista, sendo, portanto, um fenômeno imaginário. Miller coloca que para entender essa questão, é preciso considerar que o analista não é exterior ao inconsciente do paciente, mas parte dele. Há um lugar na economia psíquica que o analista vai ocupar, e esse é o descobrimento da transferência. O engate na transferência se dá muito mais com um significante do que com uma pessoa, ou seja, o analista é, ele mesmo, uma formação do inconsciente.

A transferência é, e esse é seu segundo aspecto, um obstáculo no processo de análise, como uma nova patologia que aparece no lugar da antiga. Porém, ela é em si mesma, um testemunho do inconsciente, permite ver na própria sessão o funcionamento de um mecanismo inconsciente, é a atualização da realidade do inconsciente. Como obstáculo para a análise, ela vem a interromper as associações, ao invés de facilitá-las, é um tempo de fechamento do inconsciente, e não de abertura, o que mostra a

ambiguidade da transferência, pois a análise ocorre graças à transferência mas, ainda, apesar dela.

Pensando a transferência como repetição, é possível dizer que ela é o momento em que o analista é captado na cadeia de estereótipos que o paciente carrega por toda a vida, e que se alternam entre diferentes objetos. Assinala que o inconsciente foi atingido e imediatamente se manifesta através de uma infração à regra fundamental, através de um silêncio do paciente que evita o pensamento acerca do terapeuta. O motor do tratamento é o combate entre a libido do paciente e a demanda do analista. Freud introduz nesse ponto a noção de transferência negativa e positiva, e dentro desta última, distingue a transferência erótica, que não convém apoiar, e a transferência amável, terna, que permite operar no paciente por sugestão. Essa, então, é a terceira forma de transferência, a transferência de sugestão.

Por sugestão se entende uma forma de influir sobre uma pessoa mediante os fenômenos de transferência possíveis em seu caso. A respeito da neurose de transferência, Miller aponta que, neste sentido, os sintomas adquirem nova significação, pois são direcionados ao Outro, e assim é preciso determinar em que lugar se situa o psicanalista na cura, pois se o analista se situa no lugar aonde se dirige o sintoma, se é o receptor essencial do sintoma, o lugar que deve à transferência lhe permite operar sobre ele. Lacan quer fazer uma distinção entre transferência e sugestão, aceitando que resta uma margem de sugestão em toda operação de transferência. A neurose de transferência é a modalidade de conjunto da cura, a doença artificial própria da psicanálise. Com a psicanálise todos os sintomas do paciente adquirem nova significação, e o sintoma é um elemento que tem uma significação que se dirige ao Outro. Trata-se de determinar em que lugar o psicanalista se situa na cura. O analista está no lugar aonde se dirige o sintoma, é o receptor essencial do sintoma, e por isso o lugar que deve à transferência lhe permite operar sobre o sintoma.

Miller (1988) aponta que descobrimos com a Psicanálise que a vida é uma repetição. Lacan dizia que acordamos para continuar dormindo, pois quando nos aproximamos, no sonho, do que é verdadeiramente real em nós, acordamos, porque dá medo, acordamos para continuar dormindo. Não é o inconsciente que resiste, as resistências provêm do eu, e não do que está recalçado.

2.2.Lacan e a transferência

Lacan considera a transferência separadamente da repetição, e a funda como uma consequência imediata da regra fundamental. Para Lacan, a transferência se articula em torno do Sujeito Suposto Saber, termo cunhado por ele e inexistente nos escritos de Freud. Esse termo aparece no Seminário 11, e se entende como aquilo que o analisante supõe que o analista sabe a seu respeito. É um princípio que toca na lógica da psicanálise, uma lógica que depende desse princípio posto no início pelo analista, que é o convite ao paciente para dizer tudo em desordem, sem reter nada. O Sujeito Suposto Saber, diz Miller (1988), é uma consequência direta desse procedimento.

A posição assumida pelo psicanalista em convidar o paciente a dizer tudo, dá ao paciente a garantia de que não se fala à toa. O psicanalista está lá para garantir ao paciente esse exercício de dizer alguma coisa, mesmo que não se saiba o que.

Lacan descreve a transferência, assim como Freud, como um fenômeno espontâneo e próprio da psicanálise. No texto “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” (1958), discorre sobre o papel do analista nesta direção, bem como sobre a transferência e seu manejo. Diz que o analista dirige o tratamento, sim, mas que isso não significa dirigir o paciente, mas apenas garantir que se aplique a regra fundamental analítica e estar presente. O analista, diz Lacan, é menos livre em sua estratégia do que em sua tática, “é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.” (p. 596). A interpretação, portanto, deve ser feita levando em conta que será recebida como proveniente da pessoa que a transferência lhe imputa ser, e só pode ser realizada dessa maneira, para se diferenciar de uma sugestão grosseira. Como a fala do analista é proveniente do Outro da transferência, é só pelo que o sujeito imputa ao analista ser que uma interpretação pode ter valor e peso no inconsciente.

Neste texto, Lacan diz que a interpretação não é algo que deve ser aceito pelo paciente, não é a convicção que ela acarreta o importante para o analista, e sim o material que surge depois dela, e é isso que pode dizer se uma interpretação foi efetiva ou não. Critica a postura dos analistas que entendem a negação de um paciente sobre uma interpretação como resistência, dizendo que não há outra resistência à análise do que a do próprio analista. A transferência, aponta Lacan, não pode ser a garantia de que o paciente se mantenha em tratamento, pois nela está “o princípio do seu poder (...) e esse poder só lhe dava a solução do problema na condição de não se servir dele, pois era então que assumia todo o seu desenvolvimento de transferência” (p. 603).

A escuta do analista, para Lacan, deve ir para-além do discurso. O ouvir do analista não o força a compreender, e por não compreender, não é necessário responder. Ao frustrar o falante é que o analista opera, pois se está frustrado, é porque espera, demanda algo de quem o escuta, e essa demanda é justamente de uma resposta. O problema é que qualquer resposta seria apenas palavras, e isso não responde ao que o paciente pede, pois sua demanda não implica em nenhum objeto. A demanda criada a partir da oferta da escuta abre espaço para que se abra também todo o passado, já que desde a primeira infância tudo o que o sujeito faz é demandar. Assim, é por essa via, a da demanda analítica, que não implica em responder ao que o paciente pede, mas pelo contrário, é que a regressão analítica pode se produzir e o tratamento pode ser efetivo.

O analista é quem sustenta a demanda do paciente, não para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes relacionados a essa frustração. A demanda é a necessidade unida ao desejo, e assim, para que o desejo possa aparecer, é preciso frustrá-la, e para tal o analista dá ao paciente apenas sua presença, sua escuta e a possibilidade do paciente falar. À medida que a análise se desenvolve, o analista lida com todas as articulações da demanda do sujeito, mas só deve responder a partir da posição da transferência. Ou seja, é necessário sair da postura de sugestão, de reeducação emocional, tão criticada por Lacan, pois isso reduz o sujeito a repassar a sua demanda. O analista que quer o bem do sujeito, diz ele, só repete aquilo em que ele foi formado.

Responder à demanda, em análise, não instala a transferência, mas passa a ser sugestão. Há uma relação entre as duas, pois a primeira também é a segunda, mas a transferência propriamente dita só se exerce a partir de uma demanda de amor, e esta não é demanda de nenhuma necessidade. Lacan aponta para a importância de não se reduzir a demanda às necessidades, pois essas se modificam, se alternam emprestando os significantes do sujeito, e assim se faz mau uso da transferência.

A transferência em si já é a análise da sugestão, na medida em que coloca o sujeito numa posição que ele deriva unicamente de seu desejo. É somente em prol da manutenção desse enquadramento da transferência que a frustração deve prevalecer sobre a gratificação. A resistência do sujeito, quando se opõe à sugestão, é apenas desejo de manter seu desejo.

Para definir a direção do tratamento, Lacan diz que é preciso observar que a fala tem todos os poderes do tratamento, e que o analista está muito longe de dirigir o sujeito para a fala plena ou para o discurso coerente, mas que deve deixá-lo livre para se

experimentalizar nisso, e essa liberdade é o que ele tem mais dificuldade para tolerar. A demanda é o que deve ser colocado em suspenso na análise, pois enquanto o analista não a satisfaz é que o sujeito é dirigido para a declaração do seu desejo, desejo este incompatível com a fala e, portanto, sujeito às resistências que se apresentam no processo analítico.

- O Sujeito Suposto Saber

Em “A transferência. O sujeito suposto saber” (1988), Miller expõe sobre a teoria de Lacan do Sujeito Suposto Saber, que situa a transferência como consequência imediata do discurso analítico, que é a própria estrutura da situação analítica. O Sujeito Suposto Saber seria para ele o pivô da transferência, ou seja, o que a ordena, algo em torno de que a transferência gira. Miller relembra que na estrutura da situação analítica, o analista ocupa, primariamente, a posição de ouvinte do discurso que ele estimula no paciente, e que o ouvinte, em sua postura, sua resposta, sua interpretação, decidem o sentido do que é dito e a própria identidade de quem fala. O analista tem o poder sobre o sentido do discurso, pois recebe o material fornecido pelo paciente e o interpreta.

A abertura à transferência, aponta Miller, acontece a partir do momento em que o paciente se entrega à livre associação, colocando-se no lugar de quem busca a verdade sobre si mesmo, sobre seu verdadeiro desejo. Essa verdade o paciente busca no limite de sua palavra, e o silêncio do analista se faz importante por isso, por dar lugar ao desdobrar da palavra, e não ao satisfazer a demanda do paciente que questiona sobre quem é e sobre o que quer.

O saber que se elabora na análise já está aí, no inconsciente, e é a partir desse saber que se funda a demanda do paciente. O psicanalista não deve se identificar com o Sujeito Suposto Saber, pois este é um efeito da estrutura da situação analítica, e não diz respeito à pessoa do analista. A experiência da análise, diz Miller, supõe a liberdade em que se deixa o sujeito em suas associações. A partir do momento em que o analista valoriza o que o paciente traz, bem como a regra fundamental, e deixa claro ao paciente que tudo o que ele tiver para dizer é importante, é aí que se instala o Sujeito Suposto Saber. Isso sinaliza para o paciente que aquilo que ele diz, que antes não queria dizer nada, quer dizer algo, e esse algo é o analista quem sabe.

Essa função pode ser exercida por qualquer um, e independe do saber da ciência. Não tem a ver com isso, e abre lugar então para que o analista se coloque, a partir do

momento que se estabelece a relação analítica. Este tem a função de garantir a experiência analítica, através do ato analítico, intervindo enquanto Outro para manter o marco dessa relação, porém é o paciente quem realiza o trabalho, quem produz. Miller (1988) aponta que a análise da transferência consiste na descoberta pelo sujeito de que não há Sujeito Suposto Saber, e esse deve ser o único desejo do analista, respeitar a individualidade do paciente e deixar espaço para que possa haver a emergência do seu desejo. “A grandeza do psicanalista é, no sentido de Lacan, consagrar-se, pelo contrário, a permanecer no lugar de dejetos.” (p. 125).

No texto “A transferência é amor que se dirige ao saber” (1987) D. e M. Silvestre apontam que a prática psicanalítica resulta de um estranho encontro, o do psicanalista com seu psicanalisando. O psicanalista oferece um tratamento, e o analisando quer confiar seu sofrimento a ele. A relação que liga os dois e que só termina na separação é a transferência, que nasce da confiança outorgada pelo analisando e do sofrimento que motiva sua palavra, e dá consistência ao processo todo. Segundo o texto, a análise, pela via da transferência, permite uma adequação entre a pergunta do sujeito e sua resposta, por isso a transferência inicial, definida por Freud, é deslocamento de palavra. A palavra é transferida de um lugar da fala a outro, do esperado para o inesperado.

O sujeito é, então, aquele que fala, é esse lugar designado pelas palavras que pronuncia, não um lugar que lhe vai bem ou mal, mas onde ele não é jamais senão representado por palavras, significantes. Com a análise, o sujeito vê que ele é o responsável por sua história passada e pela que virá, pois seu desejo aí se encontra implicado, apesar de nem sempre ser facilmente reconhecido. A transferência do significante implica que o sujeito se divide consigo mesmo, que não é senhor do que diz. O não-domínio da palavra, consequência da associação livre, é a condição para a transferência: que o sujeito possa dizer o que não sabe.

A hipótese do inconsciente é necessária para explicar a transferência. O inconsciente é o lugar onde são guardadas em reserva as determinações do sujeito e a transferência é o processo pelo qual tais determinações são reveladas pela palavra. É um lugar de saber que escapa ao sujeito, porém incide sobre tudo o que constitui o próprio ser do sujeito. É uma rejeição, chamada por Silvestre (1987) de ignorância ativa, pois é o que o sujeito prefere não saber. A transferência implica um saber que não vem sem desprazer, pois a verdade pode não ser fácil de suportar, mas para haver análise é preciso demanda, uma demanda de saber sobre isso que escapa e ao mesmo tempo determina. A demanda é uma pergunta dirigida ao analista em função desse saber

suposto ao inconsciente. Ninguém interroga no vazio, o analisando dirige-se a um lugar, o do Outro, e a transferência oferece ao analista o lugar de onde ele pode ouvir aquele que nele confia e de onde pode responder-lhe, pela interpretação. A função do analista não é de compaixão, simpatia ou compreensão, mas sim de marcar o que a transferência produz fora do inconsciente para aí revelar o desejo veiculado pela palavra.

Os autores apontam ainda que o uso comum da transferência a designa como um sentimento, um transporte amoroso – transferência é amor. Existem duas vertentes da transferência, a passional e a dirigida para o saber inconsciente. É preciso distinguir a transferência de amor do conjunto de afetos que surgem no tratamento, pois as emoções provocadas no analisando pelo analista são decorrentes do processo de associação e não pertencem à transferência, mas à repetição, característica da conduta do neurótico, como elucidado por Freud e explicitado no início deste texto. O amor de transferência está ligado à presença do analista e à função que ele ocupa no tratamento. O analisando ama seu analista por causa do que ele lhe confiou quando decidiu começar a análise, porém não está aí o fator estimulante da transferência analítica.

- O desejo do analista

O Seminário 8 (1961) do ensino de Lacan, sobre o conceito da transferência, se estabelece a partir de uma discussão sobre “O Banquete”, de Platão, e suas considerações sobre o amor. No capítulo XII, “A transferência no presente”, Lacan vai falar sobre o amor de transferência. Faz referência, especialmente, ao diálogo entre Sócrates e Acibíades para trazer a temática do amor e da transferência, bem como a questão do desejo, que na cadeia significante, é concebido com base na metonímia, ou seja, nos deslizamentos infinitos dos significantes sob a continuidade da cadeia. Quando esse deslizamento infinito cessa, estanca, o objeto assume valor de objeto privilegiado, um valor essencial que constitui a fantasia fundamental do sujeito, que é chamado por Lacan de objeto a.

Quando o sujeito se identifica à fantasia fundamental, o desejo assume uma consistência de desejo do Outro. Esse Outro é definido como o lugar da fala, é simultaneamente necessário e necessidade, mas ao mesmo tempo sempre submetido àquilo que o garante. É a questão formulada ao Outro sobre o que ele pode nos dar e o que tem para nos responder que se liga ao amor como tal. Há uma relação entre o Outro, para o qual se dirige a demanda de amor, e a aparição do desejo, e o que está em

questão no desejo é um objeto, e não um sujeito. Um objeto diante do qual se desfalece, vacila, desaparece como sujeito, enquanto este objeto, por outro lado, é supervalorizado. Esse objeto faz do sujeito algo distinto do sujeito da fala. A individualidade consiste inteiramente na relação privilegiada em que culmina-se sujeito no desejo.

Neste sentido, Lacan (1961) refere que a transferência é, em última instância, o automatismo de repetição, e que a função do desejo está não apenas no analisado, mas essencialmente no analista. Retoma o que Freud diz sobre a transferência ser um fenômeno espontâneo, e manejável pela interpretação, ou seja, permeável à ação da fala. Para além disso, Lacan diz que o fenômeno da transferência é ele próprio colocado em posição de sustentáculo da fala, ou seja, a fala só se mantém porque existe a transferência. A presença do passado é a realidade da transferência, uma presença como reprodução em ato, e assim é possível dizer que há algo de criação na transferência, o sujeito constrói alguma coisa para a pessoa que se dirige, para o Outro. A transferência se manifesta, para Lacan, na relação com alguém a quem se fala.

Lacan (1961) explicita que a confissão de Alcibíades a Sócrates tentava fazer do último algo completamente submisso e subordinado a outro valor, que não o da relação entre sujeito e sujeito. Alcibíades coloca Sócrates como nada mais que um invólucro daquilo que é o objeto de desejo, e portanto, objeto, servo do desejo, assujeitado por este desejo. Quando isso fracassa, e Sócrates interpreta para Alcibíades qual era o seu desejo, ele exerce a função mesma de uma transferência, no processo de busca da verdade. O desejo é em essência o desejo do Outro, e esta é a mola do nascimento do amor. É na medida em que não se sabe o que Sócrates deseja, e que é o desejo do Outro, que Alcibíades é possuído por um amor que Sócrates designa como amor de transferência, e o remete ao seu verdadeiro desejo. A posição do analista na análise, diz Lacan, deve ser o mesmo de Sócrates para com Alcibíades, o de direcionar o analisando ao seu verdadeiro desejo, o desejo constitutivo da análise, que é aquilo com que se engaja o sujeito, a saber: O que ele quer?

No capítulo XXIII, Lacan (1961) refere que a relação entre analista e analisando só pode se basear no mal-entendido, que não existe coincidência entre o que é o analista para o analisando no início da análise, e aquilo que a análise da transferência nos permitirá desvelar quanto ao que está implicado no fato de que o sujeito se engaje na análise. Esse lugar do analista seria o de Ideal do Eu para o analisando.

No Seminário 11 (1964), Lacan aponta que o desejo do analista é o pivô de toda a experiência analítica. A transferência só se instala onde há Sujeito Suposto Saber, e

isso se dá desde o momento em que o paciente decide qual analista irá procurar, a confiança ao analista se dá pois ele é suposto saber também sobre o desejo inconsciente daquele sujeito. Por isso o pivô da relação analítica se dá no desejo do analista. Se o desejo do homem é o desejo do Outro,

Se é só no nível do desejo do Outro que o homem pode reconhecer seu desejo, e enquanto desejo do Outro, não está aí algo que lhe deve parecer fazer obstáculo a seu desmaio, que é um ponto em que seu desejo jamais pode reconhecer-se?(...) A experiência analítica nos mostra que é de ver funcionar toda uma cadeia no nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito se constitui. (Lacan, 1964, p. 229)

A interpretação do analista não faz mais do que recobrir o fato de que o inconsciente, em suas formações, já procedeu por interpretação. O Outro já está lá, em toda abertura do inconsciente. A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Assim, o analista deve esperar a transferência para começar a interpretar. O inconsciente é o discurso do Outro, e ele está do lado de fora do fechamento do inconsciente, e é nele que se deve interpretar. Lacan (1964) diz que a contradição da função da transferência está justamente nisso, ser ao mesmo tempo o ponto de impacto do porte interpretativo, e um nó, um momento de fechamento do inconsciente.

Se o inconsciente é aquilo que se tranca uma vez que isso se abre, segundo uma pulsação temporal, se a repetição, por outro lado, não é simplesmente estereotípia da conduta, mas repetição em relação a algo de sempre faltoso, vocês veem desde já que a transferência -tal como a representamos, como modo de acesso ao que se esconde no inconsciente - só poderia ser, por si mesma, uma via precária. Se a transferência é apenas repetição, ela será repetição, sempre da mesma rata. Se a transferência pretende, através dessa repetição, restituir a continuidade de uma história, ela só o fará fazendo ressurgir uma relação que é, por sua natureza, sincopada. Vemos então que a transferência, como modo operatório, não poderia bastar-se em se confundir com a eficácia da repetição, com a restauração do que está ocultado no inconsciente, senão com a catarse dos elementos inconscientes. (Lacan, 1964, p. 142).

Lacan (1964) diz que a transferência é a atualização da realidade do inconsciente, e que esta realidade é a realidade sexual. A libido é a presença efetiva do desejo, desejo este formado da ligação entre a pulsão do inconsciente e da realidade sexual, que se explicita através da demanda. Sendo a demanda formada de significantes,

há sempre um resto, algo que não pode ser representado, sempre insatisfeito, impossível, que se chama desejo, também denominado por Lacan de objeto a.

3. O conceito de transferência na segunda clínica de Lacan

A segunda clínica de Lacan inicia um novo momento do pensamento da psicanálise da orientação lacaniana, e é a partir dessa clínica que os estudos atuais em

psicanálise vêm sendo conduzidos. Miller (2014) refere que o discurso da ciência e o do capitalismo são os dois discursos prevalentes na modernidade, e que essa prevalência passou a destruir a estrutura tradicional da experiência humana, sendo que o Nome-do-Pai foi desvalorizado pela combinação deles. Segundo ele, o próprio Lacan já desvaloriza o Nome-do-Pai ao colocá-lo como apenas um *sinthoma*¹, ou seja, algo que vem para cobrir o furo da não relação sexual. Diz ainda que a desordem no real foi causada pela combinação do capitalismo e da ciência, que juntas fizeram desaparecer o real como natureza, fixa e imutável, tornando-o apenas um resto dessa mesma natureza, que se torna cada vez mais insuportável.

Segundo Miller (2014), não há saber no real, e “o saber é uma elucubração sobre o real desprovido de todo saber suposto” (p. 28). O inconsciente tradicional de Lacan, estruturado como linguagem, passa a ser uma elucubração de saber sobre um real, quando se superpõe a esse real a função de sujeito suposto saber encarnado por outro ser vivo. O inconsciente então só pode ser estruturado em discurso na experiência analítica. A transferência, assim, consiste em dar sentido à libido para que o inconsciente seja interpretável. Na transferência, o sujeito suposto saber se introduz para interpretar o real, e constitui-se assim um saber sobre o real. Deste modo, se o real é fora de sentido, quando alguém chega a esse fora de sentido, quer dizer que saiu das ficções produzidas por um “querer-dizer”.

A psicanálise do século XXI não pode mais transcorrer no âmbito do recalcado e de sua interpretação por meio do sujeito suposto saber, diz Miller (2012). A clínica deve agora explorar outra dimensão, a da defesa contra o real sem lei e fora de sentido, buscando desmontar essa defesa.

Em uma análise, o inconsciente transferencial é uma defesa contra o real, pois nele continua viva uma intenção, um querer dizer, um querer que me seja dito algo; ao passo que o inconsciente real não é intencional, mas se encontra sob a modalidade do ‘que é assim’ (Miller, 2012, p.31).

No texto “A (Hiper)modernidade lacaniana” (2004), Marcos André Vieira aponta que a tese de Miller sobre o Outro que não existe trata na verdade da “materialização contemporânea de um outro Outro, uma estranha alteridade que seria a tônica atual das

¹ Para Lacan, o *sinthoma* é a resposta que cada falasser dá ao furo da estrutura: não há relação sexual. Desse ponto de vista, o *sinthoma* é sempre uma invenção. É algo do sintoma do sujeito que pode ser modificado pela análise como um gozo de satisfação, um resto sintomático que permite que se encontre um equilíbrio, uma homeostase. (Tudunca, L. (2014) *Sinthoma/Passé*. In: Um real para o século XXI. Belo Horizonte: Scriptum.)

relações do sujeito com o mundo”. Vieira parte do conceito de “nãotodo” de Lacan (1982) para explicar sobre a psicanálise em tempos de hipermodernidade, termo escolhido neste texto para definir o momento histórico que vivemos. O nãotodo é convocado por Lacan para situar o universal do ponto de vista da experiência analítica, que parte sempre da singularidade do sujeito e, portanto, não pode considerar o universal como algo pronto, fixo.

O Outro nãotodo pode ser considerado o Outro hipermoderno, em oposição ao momento anterior, de primazia do Nome-do-Pai, o da lei. Vieira (2004) refere que o Pai teria ocupado até certo momento o centro da cena, mas que o nãotodo sempre esteve ali, na periferia. A contemporaneidade o traz para a cena central, o que não significa uma ruptura com a figura do Pai e uma separação deste, mas uma mudança de registro fundada na exacerbação de algo que já estava lá, e em uma nova aliança entre o saber e o gozo.

Vieira (2004) aponta ainda para uma mudança na sociedade dizendo que há uma generalização no estado de exceção, e assim se suspende a função dela mesma, pois se tudo é exceção, ela passa a ser a regra. Há uma tentativa de eliminar qualquer alteridade entre os sujeitos, invadindo sua intimidade corporal e que, ao apropriar-se completamente do sujeito, o elimina. Sem a presença do fantasma do pai para limitar o gozo, se é esse gozo limitado que permite definir o sujeito, não há mais sujeito, há apenas desordem e caos. Para o autor, a globalização seria o fragmentário e múltiplo universal de um nãotodo global, por falta de um princípio de exceção universal que era encarnado pelo Pai.

Supor a prevalência do nãotodo sobre o Todo é supor uma desvalorização do Pai como exceção, mais que evidente em nossos dias. (...) O pai passa a ser uma das possibilidades de localização do gozo, de constituição de um Todo, e não a única e nem mesmo a principal. (Vieira, 2004, p.4).

Assim, o *sinthoma* seria o caminho a seguir no sentido da estabilização e construção desse corpo, já que o Outro agora é sem falta. Ele é um traço único do sujeito, feito de um gozo inominável que escapa ao Outro, e permite ao sujeito um modo de gozo compatível com esse Outro nãotodo, e assim uma conexão com o social. Essa elaboração de Lacan foi pensada principalmente em relação à psicose, mas Vieira (2004) refere que algo disso é válido para todo sujeito contemporâneo, pois se não há

mais nenhum objeto fora da série da produção e do consumo, se todos são adquiríveis, essenciais e descartáveis, é preciso localizar o gozo singular da repetição e extrair

Um objeto da chuva de gadgets que angustia o sujeito contemporâneo com sua exigência de consumo, para que a chuva passe a regar-se pelas nuvens a elas antepostas por esse gozo tornado objeto.” O desafio do analista, aponta o autor, é ser capaz, em tempos de não-tudo, “de acompanhar e localizar no Outro a singular decantação analítica da pureza de um sintoma. (Vieira, 2004, p.6).

Em relação às novas formas de comunicação presentes na contemporaneidade, Rodrigues (2011) aponta que atualmente se vive uma profusão do “falar de si”, e parece não haver mais espaço para o silêncio, em meio a essas novas mídias que oferecem espaço para que se fale, sempre em praça pública, ao mundo. Porém, diz a autora, esse falar de si cada vez mais se situa na via contrária de um falar da individualidade, do singular do sujeito, e sim em uma busca de aprovação e consentimento do outro, como se estivessem os sujeitos em constante avaliação. A autora diz que na clínica de hoje não é raro receber pacientes com dificuldades de elaboração, pois estão sustentados por um simbólico que não produz jogos de sentido e resiste ao inconsciente como discurso. Nesse “falar de si” citado por ela, o que se apresenta é na verdade um gozo opaco, que não faz surgir sentido e por isso se coloca como obstáculo à clínica psicanalítica contemporânea.

Assim, questiona-se como se estabelece a transferência, bem como o Sujeito Suposto Saber neste novo contexto. Jésus Santiago, no texto “Presentismo e novos modos de relato: efeitos sobre o sujeito suposto saber” (2007) trabalha o termo “presentismo” para ilustrar a cena contemporânea, no sentido da repercussão da ascensão de um presente quase que absoluto e um declínio na consideração do passado e do futuro, que impõe ao analista novas modalidades de narrativa, pois muda a forma como o sujeito se relaciona com o tempo e, para o autor, tem repercussões sobre a própria concepção da transferência.

Santiago (2007) refere que a transformação que se opera sobre a cena das sociedades tecnicistas e com ênfase no mercado trazem uma valorização de um presente cada vez mais invasivo, maciço e onipresente, que promove praticamente a extinção de quaisquer utopias futuristas. Para ele, os novos estilos de vida que se caracterizam pelo culto ao excesso hedonista provocam não só o crescimento do individualismo, mas a dissolução das esperanças em um futuro promissor e a diminuição dos ideais éticos,

socioculturais e políticos, e dá lugar a uma ideia de que o usufruto de um bem é sempre precário e efêmero, marcado pela cultura do “mais”.

O autor aponta que o chamado “presentismo” influencia no modo em que se estabelece o laço transferencial, pois o Sujeito Suposto Saber exige a extração de uma configuração particular da cadeia significante, em que é necessária uma temporalidade singular entre os significantes. O antes e o depois, o passado e o presente são necessários para o estabelecimento do Sujeito Suposto Saber, já que é necessária uma relação entre um acontecimento passado e um presente para tal.

Trata-se de uma relação causal que supõe um sujeito que se capta afetado pela materialidade significante que se constituiu no passado. É essa articulação entre a temporalidade retroativa do passado no presente e a cadeia significante que concerne à consideração científica do sujeito suposto saber. (Santiago, 2007, p.6).

Nesse caso, se o passado do sujeito não é uma fonte significante que torne possível acionar a demanda de outro significante, e se é isso que sustenta essencialmente a operação transferencial, o trabalho analítico não ocorre se o analista permanece à espera da emergência do Sujeito Suposto Saber. As novas configurações da transferência, diz Santiago (2007), não se assentam do lado do sujeito dividido, mas parecem se colocar em relação à proliferação da função de S1, e tampouco são ordenados pelo nome-do-Pai, mas pelas práticas pulsionais que se evidenciam como técnicas de gozo que contrastam com o sujeito inconsciente. Assim, a transferência deixa também de estar articulada entre o sintoma e a demanda, e se configura como articulada ao traço identificatório ou ao objeto de gozo preferencial do sujeito.

A presença do ato analítico na contemporaneidade exige uma mudança de paradigma clínico, sobretudo, no âmbito da transferência, na medida em que seu exercício passa a ser correlativo da dimensão do real que falha incessantemente. (...) A prática lacaniana deve instruir-se, no terreno em que o impossível e as falhas no real se estendem de um modo que intensificam a derrisão que não poupa nem a psicanálise. (Santiago, 2007, p.8).

- Transferência e prática clínica em tempos de internet

Considerando o contexto atual em que se exerce a clínica psicanalítica, pretendemos refletir sobre a influência da internet, e os novos meios de comunicação que esta proporciona, sobre a prática do analista contemporâneo. Em tempos do Outro que não existe, como diz Miller (2005), é preciso repensar a atuação do analista, e consequentemente, o lugar que ocupa na transferência da análise do sujeito também contemporâneo.

Como pensar então o analista em tempos de internet, de novas formas de comunicação, facebook e aplicativos de mensagens instantâneas, em que se exige um tempo cada vez mais rápido, sem espaço para falhas ou vacilos, pois a linguagem primordial é a escrita, e não mais a falada?

Com o advento da internet, qualquer pessoa está a um “clique” de distância de outra, e com uma simples busca no Google pelo nome do analista é possível descobrir detalhes de sua vida pessoal e profissional que podem ou não influenciar na construção do processo de transferência. É possível a esse analista, vivendo e atuando no mundo contemporâneo, trabalhar desligado das novas mídias?

Lacan, em “Função e campo da fala e da linguagem”, diz que deve renunciar à sua prática aquele que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. “Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico” (1998, p. 321). Deste modo, a questão que faço é se renunciar a essas demandas hipermodernas seria renunciar a prática de analista contemporâneo, já que é nesse contexto em que se estabelecem as relações na atualidade.

Jorge Forbes, em entrevista ao blog “Link”, vinculado ao site do Jornal Estado de S.Paulo, fala sobre a relação psicanálise X Internet, e diz que o psicanalista enquanto cidadão pode e deve dar suas opiniões a respeito da sociedade, e que hoje em dia se faz isso pela internet. Diz ainda que isso não é o mesmo que fazer análise pela internet, mas que as opiniões são sempre permeadas pelo viés da psicanálise, e que não há problema nenhum nisso.

Mas quando a internet e as redes sociais se apresentam dentro do consultório, já não é mais o analista cidadão que se faz presente, mas o par analista-analisando, e para que essa relação deixe de ser apenas imaginária, pautada na imagem construída de alguém que responde de dentro da linguagem moderna, através dos aplicativos de mensagens ou do facebook, é preciso fazer vir à tona algo do sujeito barrado, que vacila, para que a análise possa ocorrer. Vieira (1997) diz que é o analista, seu consultório, sua

presença, quem barra a série interminável de associações do sujeito. É seu corpo que serve de remédio para a vertigem da interpretação de cenas, é o ponto de basta que sustenta a crença de que o analisando um dia chegará à origem de todos os seus sintomas, é o analista quem garante isso. E isso ocorre de fato não por extração, mas por construção, em análise, pelo analisando a partir de seus próprios significantes.

Retomando, então, a questão que motivou este trabalho, seriam as novas estratégias de comunicação tentativas de se defender do real, desse gozo ilimitado que invade e angustia o sujeito contemporâneo, que tem o tempo todo que se mostrar ao mundo buscando por sua aprovação? Na prática clínica, essas novas estratégias invadem o tempo todo o discurso do paciente, pois essa é a forma que o sujeito se põe em contato com as outras pessoas. As discussões entre namorados acontecem através de mensagens instantâneas, e as conversas entre as amigas são ilustradas por fotos do que cada uma está vivendo durante a conversa, mesmo que separadas por quilômetros de distância. O analista pode não se utilizar do “Whatsapp”, “Snapchat” ou de mensagens “inbox” do “Facebook” mas são esses os significantes que vão permear o discurso dos analisandos e é assim que eles se comunicam com seus pares, e a partir dessas conversas surgem suas angústias. A paciente retratada na introdução deste trabalho tenta por uma ou duas vezes trazer esse tipo de conversa para a relação analítica. Em pleno domingo pela manhã, envia a seguinte mensagem pelo mesmo aplicativo: “Bom dia Mayra, Aii... To com uma vontade imensa de mandar msg pro Z! (ex-namorado tratado incessantemente nas sessões de análise) Falando que sinto falta dele... O que eu faço?”. Em outro momento, na sessão, insiste em ler a troca de mensagens entre ela e o mesmo namorado, para que eu soubesse exatamente como foi a conversa entre eles. Enquanto analista, como responder a tais demandas, que interferem na relação transferencial, ainda que denotem que o Sujeito Suposto Saber está estabelecido, pois a analista é quem sabe como a paciente deve agir?

É importante lembrar que, apesar de o analista estar inserido na hipermodernidade, a relação analista-analisando ainda se dá dentro do consultório, e é somente a presença física de ambos, analista e analisando, que garante que o trabalho analítico possa ser realizado. Assim, cabe ao analista, na direção do tratamento, tentar reduzir esse imaginário contemporâneo para que uma análise se inicie, convocando sempre o paciente a vir falar na sessão, e na presença do analista, para que algo do inconsciente possa aparecer. No mesmo sentido, vale ainda desestimular, e mesmo não aceitar tais tentativas de trazer as conversas literalmente, lidas, para a sessão, mas

estimular o paciente a trazer a sua visão, a sua percepção das relações que vive, para que algo de subjetivo, de genuíno daquele sujeito possa aparecer, e só assim é possível pensar em redução de gozo, do real avassalador e numa futura elaboração de sintoma.

4. Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi de retomar o conceito de transferência para a Psicanálise, a partir de Freud, passando por Lacan e chegando aos autores contemporâneos da orientação lacaniana, para ao final discutir em que lugar as novas formas de comunicação colocam o analista, e como manejá-las para que o processo de análise possa de efetivar.

Para Freud a transferência inicialmente se coloca como um obstáculo para o tratamento, como uma resistência do paciente, mas ainda como condição essencial para o processo psicanalítico, pois Freud percebe que somente com o estabelecimento da neurose de transferência, ou seja, da rememoração de angústias antigas trazidas para o contexto atual e dirigidas para a figura do analista, pode-se levar o tratamento a um resultado de sucesso.

Lacan, por sua vez, entende também que a transferência é condição essencial para o tratamento psicanalítico, porém estabelece o conceito de Sujeito Suposto Saber para fundamentá-la, onde o analisando supõe no analista alguém que possui um saber sobre seu sofrimento, e este último deve se colocar numa posição de frustrar a demanda do analisando, para dar lugar ao desejo do sujeito.

Na atualidade, a primazia do Nome-do-Pai deixa de existir e há cada vez mais um empuxo ao gozo ilimitado, que coloca o sujeito num estado de angústia constante, pois o gozo nunca satisfeito provoca uma busca incessante por sempre mais, de tudo. Os novos modos de comunicação podem entrar nesse contexto do mais, onde se fala de si o tempo todo, sem espaço para falhas, numa procura constante pela aprovação do outro. Neste contexto, o analista pode se inserir e usar destes mecanismos para se comunicar e se aproximar do paciente numa transferência imaginária, porém sempre buscando limitar o gozo e trazer o sujeito para o contexto analítico, para ultrapassar a relação imaginária e oferecer um espaço para que o falar tenha espaço, e algo do inconsciente possa aparecer.

Em relação às minhas expectativas, colocadas no início deste trabalho, em relação ao curso e minhas dúvidas em relação ao conceito de transferência, posso dizer que estas foram atingidas, mas não sanadas. Acredito que o principal aprendizado durante estes três anos, foi de que não há respostas estáticas, não há certezas, e de que o caminho apenas se inicia. A transferência não é mais tão misteriosa e nem causa tantas dúvidas quanto no início deste percurso, e me sinto mais segura em me nomear psicanalista e em escutar meus pacientes a partir deste lugar. Porém, é sempre no caso a caso que as dúvidas surgirão, bem como a demanda para estudo constante. A

psicanálise, que nos anos iniciais de minha formação, parecia tão indecifrável e distante, já passa a estar mais próxima e se mostra mais familiar, mas acredito e percebo com mais conforto, hoje, que o caminho a ser percorrido é infinito, nunca alcançado, nem sempre divertido, mas sempre e continuamente fascinante.

5. Referências Bibliográficas

Freud, S. (1996). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905 [1901]).

Freud, S. (1996). *A dinâmica da transferência*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (1996). *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

Forbes, J. (2011) *Perfis Psicológicos*. <http://blogs.estadao.com.br/link/perfis-psicologicos/>

Lacan, J. (2010) *O seminário, livro 8: a transferência, 1960 – 1961*. 2.ed. - Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2008) *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998) *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1953).

Lacan, J. (1998) *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1958).

Miller, J-A. (1998) *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J-A. (2005). *El outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

Miller, J-A. (2014) *O real no século XXI*. In: Machado, O. & Ribeiro, V. L. A. (org.) *Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum.

Rodrigues, A. P. B. (2011) “Falar de si” na contemporaneidade: “uma máquina de impostura”? *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 2, n. 5.

Santiago, J. (2007) Presentismo e novos modos de relato: efeitos sobre o sujeito suposto saber. *Asephallus. Revista Eletrônica do núcleo Sephora*. vol. 3, n. 5.
http://www.isepol.com/asephallus/numero_05/pdf/secao_clinica.pdf

Silvestre, D. e M. (1989) A transferência é amor que se dirige ao saber. In: Miller, G. (org.) *Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Vieira, M. A. (1997) O analista multiuso (ou o santo e o objeto). *Latusa*, 1, 23-38.

Vieira, M. A. (2005). A (hiper)modernidade lacaniana. *Latusa*, 9, 69-82. (acessado pelo link: http://litura.com.br/artigo_repositorio/a_hipermodernidade_lacaniana_pdf_1.pdf).